

A IMPORTÂNCIA DA EPISTOLOGRAFIA NOS PROJETOS ESTÉTICOS DOS ANOS DE 1900

Moema Rodrigues Brandão Mendes*

RESUMO

Esta pesquisa buscou abordar dois pontos primordiais: a importância da epistolografia na formação da literatura brasileira e sua fundamentação como instrumento auxiliar nos estudos da crítica literária e estética da recepção. No primeiro ponto, foi apresentado um processo de interseção entre as missivas escritas por Mário de Andrade enviadas a Manuel Bandeira datadas de 24/11/1934 e respondida por Bandeira a Mário em 27/11/1934, e 3 cartas marioandradinas enviadas a Murilo Miranda, em datas próximas, 28/11/1934 e 1/11/1935 nas quais os escritores comentavam sobre um mesmo assunto: artigos que seriam utilizados para compor o primeiro número da **Revista Acadêmica**, no Rio de Janeiro, em edição de 1934 -1935. O segundo ponto apresenta a carta como instrumento crítico. Para isso, foi citada uma missiva escrita pelo crítico literário, Agrippino Grieco, endereçada a Gilberto de Alencar, datada de 10/12/1948, comentando sobre o romance alencariano, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

Palavras-chave: Epistolografia. Literatura brasileira. Teoria crítica. Projetos estéticos.

1 INTRODUÇÃO

Que trabalho deu
Mário de Andrade aos carteiros!
Estes deviam execrá-lo.
Agrippino Grieco

A epistolografia é parte essencial na constituição e desenvolvimento do Modernismo brasileiro. A importância das cartas não está em apenas informar, explicar e orientar o leitor com revelações biográficas, mas também em apresentar ideias e elaborações estéticas, projetos e intimidades do pensamento de homens-poetas-prosadores, que foram importantes na formação da literatura brasileira.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

A correspondência de Mário de Andrade, por exemplo, com escritores já consagrados, ou não, é reveladora de um material humano e intelectual incalculável na formação cultural no início dos anos de 1900.

As cartas, do mentor intelectual do Modernismo, enviadas aos jovens poetas e prosadores eram de essência cordial e norteadora, cheias de realizações do remetente como grande incentivador da produção literária, produção musical, dramaturgia, balé e artes plásticas, segundo comenta Yedda Braga Miranda:

Muito moços e inquietos, eles levavam a Mário de Andrade, a quem carinhosamente chamavam de Mestre, as suas angústias e perplexidades . Sua morte abalou profundamente a todos nós. Anos a fio eu os ouvi falando do Mario, como se, quem sabe?, [Sic] ele viesse novamente passar outra temporada no Rio (MIRANDA,1981, p. 6).

Ratificando a citação de que Mário de Andrade era o Mestre de todos eles, em 10 de janeiro de 1942, Mário escreve a Fernando Sabino, enviando a carta de São Paulo com os seguintes dizeres:

Fernando Tavares Sabino
Si [SIC] você quiser continuar sendo escritor, antes de mais nada tem que encurtar o nome. Tavares Sabino, Fernando Tavares, Fernando Sabino. Me desculpe esta sinceridade e entremos pelas outras. Muita ocupação, só nesta noite de sábado pude ler os seus contos e lhe escrevo imediatamente, enquanto a impressão é nítida. Saio do seu livro com a convicção de que você é um escritor, é um artista. Não que o livro seja bom, mas é uma estréia excelente, uma estréia promissora, denunciando fartas possibilidades (SABINO, 1993, p.15).

Como se pode observar Mário de Andrade tinha influência, inclusive na escolha do nome a ser adotado pelo escritor, esses jovens moços. Em carta remetida de São Paulo, datada de 25-1-1942, Mário completa,

Fernando Sabino
Recebi sua carta e refleti sobre ela. A conclusão mais séria *pra mim* é a seguinte: Vejo [Sic] que estamos os dois na iminência de iniciar uma correspondência longa e nutrida. Pra você, moço cheio de vida e ainda não “consagrado”, ansioso de saber, isso não vai ser difícil. Pra mim vai (SABINO, 1993, p.19).

De incomparável importância crítica na discussão dos projetos estéticos, há inúmeras missivas, do autor de **Macunaíma**, dirigidas a, e recebidas de seus contemporâneos como, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Rodrigo de

Melo Franco, e tantos outros escritores da geração seguinte como Murilo Miranda, Manuel Bandeira que comenta:

Mário,

Recebi a tua carta de 3, acerca da qual guardarei inteira reserva que me pede. Antes de mais nada uma retificação: não é verdade que eu tenha ficado “abatidíssimo” depois de reler o artigo da *Klaxon*. Couto exagerou. A coisa foi muito mais simples. De um lado sempre reconheci nas discussões com o Couto que os elogios do tal artigo não correspondiam à verdade, não podiam corresponder à verdade. Explicava-os pro Couto pela franqueza sentimental. Naturalíssimo que você prezando o Menotti e andando com ele na mesma campanha exagerasse o que via nele de bom, sobretudo sob o império da circunstância que agora alegou (MORAES, 2001, p. 291).

[...]

Agora o seu artiguinho de resposta ao Menotti...Foi um erro. Mas não te amofines. A apologia foi um erro. O ataque foi outro. Mas neste você estava mais perto da verdade e do seu sentimento (MORAES, 2001, p. 292).

Tais são os méritos que as cartas podem alcançar dentro dos estudos literários que elementos preciosos para a reconstituição de uma obra podem estar contidos nelas. Nesta carta cujo fragmento foi transcrito acima, datada de 6/5/1926, enviada do Rio de Janeiro, por Manuel Bandeira a Mário reflete sobre as referências que o mesmo fez a Menotti Del Picchia na obra de autoria mariodeandradiano, **A escrava que não era Isaura** (MORAES, 2001).

E, não raro, encontramos verdadeiros ensaios de crítica literária conforme, será comentado em uma missiva especial escrita em resposta a Gilberto de Alencar¹, partindo de Agrippino Grieco acerca do romance, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

Este crítico está inserido também na vida intelectual mariodeandradiano, conforme relata Marcos Antônio de Moraes,

A atividade epistolar de Mário ligada aos moços, dentro dessa conduta moral, defrontou-se também com a verve ácida de outro contemporâneo, o crítico Agrippino Grieco, que lançou em suas anotações pessoais o rasgo de definições recolhido postumamente em *Gralhas e pavões*: Mário de Andrade. – Louvava todos os estreatantes, que hoje só transcrevem carta para assinalar que o paulista os admirava. Que trabalho deu Mário de Andrade aos carteiros! Estes deviam execrá-lo. (MORAES, 2007, p. 120).

¹ Gilberto de Alencar nasceu em João Gomes, atual Santos Dumont, Minas Gerais, a 1º de dezembro de 1886 e faleceu a 4 de fevereiro de 1961.

O interesse epistolográfico é de significação muito especial, na medida em que propicia um jogo interessantíssimo de identificações e contradições, reveladas nos conteúdos das cartas, suscitando outras constatações como a relevância das missivas nos estudos literários, reflexões que estão brevemente elucidadas neste estudo.

2 MÁRIO DE ANDRADE: UM ESCRITOR DE CARTAS

Mário de Andrade, influente crítico literário, grande prosador e poeta, correspondeu-se com vários amigos-poetas-prosadores e críticos. Sobre a correspondência temos a informação de que:

Três vertentes marcaram esta correspondência de 7688 documentos, a correspondência de Mário de Andrade. Ou, em linguagem arquivista três subséries perfazem a série, isto é, o conjunto documental Correspondência, no arquivo do escritor no IEB. São eles: a correspondência passiva, com 6.951 documentos, a mais substancial: a ativa, com 602, e a de terceiros sob a custódia do escritor, com 135 (LOPES, 2000, p. 276).

Mário de Andrade deve ter escrito mais de 10 mil cartas (LOPES, 2000, p. 282).

Segundo Ancona (2000) as primeiras cartas datadas de 1921, foram trocadas entre o autor de **Clã do jabuti** e Anita Malfatti. A correspondência intensificou-se a partir de 1924, perdendo um pouco esta intensidade em 1927, sendo retomada com certa frequência nos anos seguintes, para, então, em 1932 e 1933 haver uma redução significativa das missivas, devido ao contexto histórico brasileiro: as divergências políticas e a Revolução Constitucionalista.

De 1922 a 1944, datam os lotes de cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira², e de 1934 a 1945 entre Mário e Murilo Miranda³, alguns dos escritores escolhidos, nesta pesquisa, para que, na interseção de suas missivas

² É exemplar o lote de epistolografia mariodeandradiano dirigido a, e recebido de Manuel Bandeira, seu correspondente intelectual e amigo eleito, o que acentua a importância deste lote. (Nota da pesquisadora).

³ Escritor carioca, nascido em 1911, fundador da **Revista Acadêmica** (RJ), foi diretor do Teatro Municipal, diretor da rádio MEC, presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira. Morreu no Rio de Janeiro em 1971. In **Mário de Andrade** - Cartas a Murilo Miranda, Editora Nova Fronteira, 1981, p. 7.

possamos reconhecer as qualidades que estão presentes, em parcela significativa das correspondências, na formação do Modernismo brasileiro.

Sobre a relação epistolográfica entre Mário e Murilo Miranda, comenta Marcos Antônio de Moraes,

O jornalista moço, ligado ao grupo da Revista Acadêmica, do Rio de Janeiro, cunhou a expressão “generosidade interessada”, só na aparência contraditória, pois o gesto [de Mário] de estender a mão trazia a dádiva, mas também levava de volta alguma coisa, implicava uma noção de troca fecundante (MORAES, 2001, p. 169).

Mário de Andrade, em sua escrita epistolográfica, criou cumplicidade através da experiência compartilhada, fato que constatado por meio da interseção de missivas entre Mário, Bandeira e Murilo Miranda, cartas escritas em uma data próxima, conforme já foi dito, cuja relação permitirá conhecer um pouco do que se pensava enquanto projetos estéticos do Modernismo brasileiro, como forma de amostragem da nossa proposta inicial. Carta de Mário de Andrade enviada a Manuel Bandeira.⁴

São Paulo, 24 de novembro de 1934.

Manu,

[...] Espere. Me pedem um livro⁵, os rapazes duma Revista Acadêmica aí do Rio, pra iniciarem movimento editorial. Vou reunir o estudo sobre o Aleijadinho (número comemorativo do Jornal), o estudo sobre “Amor e medo” e o “Álvares de Azevedo” (Revista Nova) e o estudo sobre Carlos Gomes e a Fosca⁶. Que acha? A dificuldade está no título. Você me sugere algum, que seja menos estereotipado que Três ensaios, Três homens? Me lembrei de Três passados, que ainda ficava engraçado pelo valor simbólico do trocadilho. Me lembrei de Curiosidade, que nestes oito dias tenho que mandar os originais. Ciao.

Mário

Carta assinada: “Mário”; datada “São Paulo, 24-XI-34”; dactiloscrito original, autógrafo a lápis; papel verde; 2 folhas; 32,8 X 21,8 cm; rasgamentos nas bordas. Nota MB a tinta preta suprimindo trechos.

(Fundo MB) (MORAES, 2001, p.594-595).

Carta de Manuel Bandeira em resposta, a Mário de Andrade:

⁴ Foi transcrito apenas o trecho que é objeto de interseção no assunto tratado.

⁵ O livro é **O Aleijadinho e Álvares de Azevedo**, composto dos ensaios O Aleijadinho e sua posição nacional e Amor e medo publicado pela **Revista Acadêmica**, Editora do Rio de Janeiro, em 1935. Sobre o Aleijadinho, Mário de Andrade já escrevera no **Diário Nacional** de São Paulo (Aleijadinho 30 de maio de 1930 e tornou a abordar o assunto no primeiro número da revista **Atlântico**: O gênio e a obra do Aleijadinho, 1942.

⁶ A Fosca. **Revista Brasileira de Música** – Rio de Janeiro: Pongetti, 1939. 177p.

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1934.

Mário,

Título para os três ensaios: ÁLVARES DE AZEVEDO, A FOSCA E O ALEIJADINHO. Não pode haver outro mais fiel e fica engraçado, como se entre as três coisas houvesse alguma relação além da simples⁷ contigüidade numa brochura editada por uns rapazes de uma revista acadêmica do Rio. O truque aliás já foi usado por Anatole France (Jocastt le Chat maigre). Você apresentaria os ensaios na ordem do título, é claro.

[...]

Ciao. Um abraço do

M.⁸

Carta assinada “M”, datada “Rio de Janeiro de 34”, dactiloscrito original, fita preta e vermelha, papel branco, filigrana, 1 folha; 28,1 X 21,6 cm; 2 furos; marca de grampo (MORAES, 2001, p.597).

Carta de Mário de Andrade enviada a Murilo Miranda retomando o assunto tratado na carta de Bandeira enviada a Mário:

S.Paulo, 28-XI-34

Meu caro Murilo Miranda

sou muito precavido, de-certo questão de idade, e antes de lhe enviar os originais do livro combinado⁹ venho lhe perguntar várias coisas. Primeiro si o negócio continua de-pé, e si vocês podem mesmo querer esses originais. Uma coisa é querer e outra muito diferente é poder querer. Está claro que com isso não duvido minimamente de vocês, mas das possibilidades do mundo. Minhas condições vocês já conhecem e repito, de maneira que esta carta possa servir de garantia para vocês. Dou completamente o livro pra vocês em sua primeira edição, apenas quero cinqüenta exemplares pra dar pros meus amigos. No resto o livro ficará inteiramente de vocês. Em despesa de edição como em possíveis lucros de venda. Mas não façam edição muito grande que perderão. Só tenho ganho dinheiro realmente com os livros musicais didáticos, e a tradução norte-americana. No Brasil meus livros vendem pouco. Eu falei em ajuntar no livro os três ensaios que fiz sobre o Aleijadinho, Álvares de Azevedo e Carlos Gomes. Ficava bonito e harmonioso. Mas acabei ontem de copiar o segundo desses trabalhos e desisti de botar o terceiro. Porque com as modificações, e mesmo sem elas, os trabalhos sobre o Aleijadinho e o Álvares dão já um opúsculo muito alentado, talvez um livro aí de suas cem páginas, não sei calcular direito. Além disso tenho mesmo de escrever um livro sobre Carlos Gomes, pro centenário dele em 36, prefiro guardar o que já tenho escrito sobre ele pra esse livro. Me responda com urgência qualquer coisa e preferia que você mandasse uma direção mais segura para eu enviar os meus originais. Sua casa, por exemplo, ou da o Lúcio¹⁰. Tenho medo de redações onde tanta coisa se perde. Bom, ciao. Lembranças pra você e pro Lúcio.

⁷ Rasura (substituição de trecho): “conexão e não a de” (MORAES, Marcos Antônio de. 2001, p. 597).

⁸ Transcrevemos apenas o trecho que é objeto de interseção do assunto tratado.

⁹ Em carta a Manuel Bandeira, datada de São Paulo, 28-XI-34, Mário de Andrade conta a visita de Murilo Miranda e Lúcio Rangel, pedindo um livro para iniciarem um movimento editorial, conforme o assunto tratado na carta escrita por Mário de Andrade enviada a Manuel Bandeira citada neste artigo.

¹⁰ Lúcio do Nascimento Rangel (1914-1979). Secretário da **Revista Acadêmica** a partir do terceiro número, em XI e XII de 1933, até o décimo quarto em X de 1935. Publicou **Sambistas e chorões**, 1962 e **Bibliografia da música popular brasileira** (1976).

Mário de Andrade (MIRANDA, 1981,p.12.).¹¹

Ainda,

S. Paulo 27-V-35

Murilo meu caro, agora não posso escrever, nem pro Álvaro Albuquerque a quem devo felicitações calorosas pela RC, que recebi¹² Entregue as felicitações a ele, um abraço e também um enérgico “pito”. É o cúmulo a revisão da revista, está péssima, detestável, quase deixou ilegível a revista, é o cúmulo! Si [SIC] o 2º número vier na mesma, me recuso até a ler, e comigo, toda a gente que se preza, isso não se faz!

De resto eu ainda fui dos mais poupados, a minha parte tem poucos erros e não está truncada. Mas dois erros me deixaram com a pulga atrás da orelha, porque não podem sair assim no livro, estragam o sentido. Faz favor de ver si [SIC] estão nos originais e corrija no livro *por favor*. Na página. 101 (da revista) na 8ª linha, começando a numeração de baixo para cima, saiu “*mais livre*”. E na pág. 102, 2ª linha do segundo período, está “*eram então uns desgraçados*” E tem mais dois erros meus que peço a você modificar no livro: na pág. 101, 6ª linha escrevi: “Basta estes exemplos”. É “bastam estes exemplos”, no plural. E na pág. 100, 5ª linha do segundo período, em vez de “adubasse”, ponha “desse”. Esta aliás foi a redação original e a certa. Não é a terra que aduba, que besteira a minha!

E cião. Um dia hei-de lhe contar estes dias de S. Paulo comigo, tudo o que tem sucedido. É mais ou menos uma pândega, mas pândega de enojar os homens. O meu lugar na Prefeitura não sei mais se virá um dia! Entrou política no meio e parece que a coisa foi adiada *sine die*. Mas na verdade não sei nada de autêntico, pois que até agora nem sequer [SIC] ainda me avistei com o Prefeito. Tudo são diz-que-diz-que, mas parece que verdadeiro (MIRANDA, 1981, p.16).

Carta de Mário de Andrade enviada a Murilo Miranda:

S. Paulo, 1-II-35

são 24 horas e vou lhe escrever estas linhinhas à pressa quase que mais para me debater. É que tive hoje uma luta grande dentro de mim entre não-sei-quê e a felicidade. E acabei deixando o não-sei-quê vencer. Fiquei abatido. A felicidade estava do lado dum convite que recebi logo de manhãzinha pra ir dar um passeio em Buenos Aires, passagem e estadia pagas por La Crítica¹³. Acabei recusando porque os meus projetos são muito outros e esses mais vinte dias de férias vinham me desorganizar a vida toda. No fundo, todas as somas e diminuições feitas, está claro que a felicidade fica comigo e assim é que devia ser e me é mais proveitoso. Mas a história é que há duas felicidades, uma epidérmica mais voluntariosa e

¹¹ Não comentamos a descrição genética deste documento.

¹² Revista Contemporânea. Cinco números entre maio e novembro de 1935. O Conselho Editorial era formado por Azevedo Amaral, Joaquim Pimenta, E. Queiroz Lima, J.P, Porto Carrero e Oliveira Viana;

eram diretores da revista Artur Veiga, Álvaro Albuquerque, Bandeira Steele, L. Tandler e Samuel Wainer. No primeiro número a RC publica excertos de *O Aleijadinho e álvares de Azevedo, sob o título de “Mulataria”* (MIRANDA, 1981, p.16).

¹³ **La Crítica**. Jornal de Buenos Aires, fundado por Natalino Botana em 1923.

outra do nosso eu profundo, bem dócil e impalpável. Aquela é que eu contraí, fiquei abatido.

Bom, é também por causa dos meus projetos, isto é, da felicidade profunda, que não sei si lhe mandarei qualquer coisa pro próximo número da s..., ia dizer "sua revista", mas resolvi mudar pra "nossa revista". É que realmente estou exclusivamente metido em coisas de etnografia e assim vai ser todo este ano. Tem de ser assim, pra eu me livrar do Na Pancada do Ganzá, que quero quase completado este ano. Vou desaparecer o mais possível da circulação. Ora seria possível retirar excertos dos trabalhos, e publicá-los em revista, porém minha convicção é que isso desnorteia muito o caráter da Revista Acadêmica, e fico desgostoso. Em todo caso fico sempre a espreita de mim, e si me vier alguma idéia aproveitável, escrevinho qualquer coisa pra revista.

Quanto ao livro, já estava imaginando nisso quando você veio ao meu encontro. Também acho melhor deixar a publicação dele pra depois do Carnaval. Aliás estou de novo hesitando danadamente si irei ao Carnaval do Rio ou si fico aqui pra assistir o Carnaval decretado pelo prefeito. Francamente não sei ainda o que vou fazer. Deixo a resolução pra última hora, pra poder gozar o imprevisto dela. E ciao, por hoje. Lembrança pros amigos daí, o Lúcio, o Santa Rosa, o Carlos Lacerda.

E este seu abraço do

Mário de Andrade (MIRANDA, 1981,p.13).

Observamos com o cruzamento destas missivas, linhas de projetos estéticos em desenvolvimento, formadoras da expressão literária modernista: Murilo Miranda, escritor novo, solicita a Mário de Andrade artigos para compor o primeiro número da **Revista Acadêmica** dirigida por rapazes moços em idade e experiência literária e um livro para ser editado sob a mesma orientação. Mário de Andrade escreve então ao seu amigo e confidente Manuel Bandeira, pedindo opiniões conforme lido nas cartas e, em seguida, responde a Murilo Miranda. Cruzamento de informações feito, pudemos acompanhar parte da "montagem" do número 1 da referida revista.

3 GILBERTO DE ALENCAR: A CARTA E O ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA

[Gilberto de Alencar] uma figura magra, de roupa escura, colete, calça de bolso à militar, avarento de palavras na conversação, como se tivesse medo do cigarro cair da boca.

Mário Matos

A crítica literária atenta ao resultado da criação literária, constatou as potencialidades da epistolografia. Interessados em observar o processo de criação que orientou a construção do romance, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**, de Gilberto de Alencar, objeto de estudos do Projeto de pesquisa **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico, (cadastrado no diretório de grupos de pesquisas do CNPq) , e seu resultado final, foram localizados nos

arquivos da criação do escritor mineiro, o diálogo epistolar entre Agrippino Grieco e Gilberto de Alencar no qual se pode divisar elementos essenciais da crítica literária que podem ter influenciado bastante na recepção do ideal estético, encontrado no romance citado.

A seguir transcrevemos a missiva que nos serviu como gênero testemunhal em parte da interpretação dos procedimentos da criação que envolveu **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

Carta de Agrippino Grieco a Gilberto de Alencar

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1948.
Gilberto de Alencar:

Seu romance foi para mim surpresa. Eu me habituara a ver em Você o jornalista e não esperava de Você senão o jornalismo. Mas, de repente, o homem que encontrei naquela manhã nevoenta de Juiz de Fora, por sinal que com o bolso do paletó cheio de lápis ponteagudos, aparece-me romancista. Vou lendo as trezentas e tantas páginas das “Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho” e a surpresa meio medrosa torna-se encanto. No começo Você vacila um pouco, o livro arrasta-se um bocado, autor e assunto ainda não se interpenetram às direitas. Mas a aprendizagem é rápida e logo o livro toma corpo, faz-se narrativa em que há unidade na continuidade, cenários e criaturas vivendo realmente. Todas essas recordações da meninice, da adolescência, da idade adulta, me prenderam em leitura quase não interrompida. Tantos pontos de contacto entre o menino que sonhou em Minas, nas proximidades de um córrego, e o menino que sonhou na terra fluminense, às bordas do rio Paraíba do Sul... As primeiras arrancadas sentimentais, as primeiras leituras, os primeiros amores, tudo isso dito com leveza, delicadeza, frescor ou amargor de impressões sempre sinceros, evitando-se uma submissão excessiva aos padrões de mestre Machado e, no trecho do internato, qualquer decalque no livro genial do infeliz Pompéia. O reencontro com a pobre Marta envelhecida, dona Marta, é página que, se existissem críticos neste país de compadrios, de horríveis paróquias literárias, e se os nordestinos deixassem os mineiros respirar tomar lugar ao sol da fama, seria imortal no romance brasileiro. Como quer que seja, falarei de Você na minha história da literatura, bem adiantada no momento, colocando Você ao lado do João Lúcio, do Godofredo Rangel, do Artur Lobo (o seu Artur Lobo) e outros ficcionistas aí das montanhas. Até à vista e muitos abraços saudosos do Agripino Grieco.

Carta assinada: “Agripino Grieco”; forma de tratamento: “Gilberto de Alencar”; dactiloscrito a tinta preta; papel amarelo, sem pauta, 2 folhas; 20,0 x 10,6 cm (Arquivo pessoal de Gilberto de Alencar)¹⁴

A partir da breve reflexão desenvolvida neste artigo, com a intenção de pensar a epistolografia como fonte de pesquisa literária, entende-se que o estudioso

¹⁴ Arquivo pessoal de Gilberto de Alencar, depositado no Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM – administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF/MG.

da literatura tem se conscientizado da importância da correspondência, quando utilizada como mais um dos documentos que entram na formação do desenvolvimento da pesquisa literária.

Neste estudo foi exposto, através da interseção de algumas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira e, Mário de Andrade e Murilo Miranda, o caráter da troca epistolar como fator fundamental na formação de um dos projetos estéticos do Modernismo brasileiro.

Constatou-se também que o resultado final de uma obra sob o olhar da crítica literária como em **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, uma carta pode funcionar como um aparato testemunhal no percurso desenvolvido para o estudo da estética da recepção do texto.

Na teia da escritura epistolográfica confrontada, reside uma convicção de que a literatura brasileira buscava intensamente uma identidade para que pudesse se universalizar.

THE IMPORTANCE OF EPISTOLOGRAPHY IN AESTHETIC PROJECTS IN THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT

This research seeks to examine two cardinal points: the importance of epistolography in the formation of Brazilian Literature and its foundation as an auxiliary instrument in the studies of critical theory and in the reader response theory. As for the first point, the process of interaction shown in the letter written by Mario de Andrade and sent to Manuel Bandeira with the date of 24/11/1934 and the answer of Bandeira to Mario dated 27/11/1934 and also the three letters of Mario de Andrade sent to Murilo Miranda on very close dates 28/11/1934 and 1/11/1935 in which the writers comment on the same topic: articles to be used to finalize the first number of the **Revista Acadêmica** of Rio de Janeiro in the edition of 1934-1935. The second topic presents letters as a critical: instruments. To this end, a letter written by the critic Agrippino Grieco is used. It is addressed to Gilberto de Alencar dated 10/12/1948, with comments on the novel of Alencar, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

Keywords: Epistolography. Brazilian literature. Critical theory. Esthetic projects.

REFERÊNCIAS

LOPES, Telê Ancona. Uma ciranda de papel. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nãdia Batella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**. Estudo sobre cartas. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

MIRANDA, Yeda (Org.). **Mário de Andrade** – Cartas a Murilo Miranda 1934/1945. Rio de Janeiro, 1981.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp, 2001.
_____. **Orgulho de jamais aconselhar**. A Epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp, 2007.

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES. **Correspondência de Agrippino Grieco**. Juiz de Fora, UFJF. [Arquivo pessoal de Gilberto de Alencar].

SABINO, Fernando. **Remetente: Mário de Andrade. Destinatário: Fernando Sabino**: cartas a um jovem escritor. Rio de Janeiro: Record, 1993.